

# RAÇA, GÊNERO E ESCOLHAS AFETIVAS: UMA ABORDAGEM PRELIMINAR SOBRE SOLIDÃO ENTRE MULHERES NEGRAS NA BAHIA<sup>1</sup>

*Ana Cláudia Lemos Pacheco<sup>2</sup>*

*Dedico este artigo à memória de minha avó,  
Maria de Jesus Lemos, grande Matriarca negra.*

**RESUMO:** Este artigo aborda a problemática da solidão afetiva de duas mulheres negras sem parceiros fixos na Bahia. Parto do princípio que gênero e raça são marcadores sociais relevantes nas preferências sexuais-afetivas de homens e mulheres de um mesmo ‘grupo’ racial e de ‘grupos’ raciais distintos. Observo que as escolhas afetivas de alguns homens negros e brancos por parceiras não- negras são orientadas pelos seguintes fatores: a racialização opera com referentes que denotam signos corporais como a cor, a estética de mulheres negras e brancas; do mesmo modo, as tensões de gênero são traduzidas em expectativas de masculinidade e paternidade/ poligamia; o empoderamento destas mulheres negras como chefes de família, detentoras de um capital econômico-social e de prestígio político impediram a estabilidade afetiva de tais relações. Através da análise das duas trajetórias, constatei que a solidão dessas mulheres negras confirma boa parte das pesquisas demográficas que indicam fatores mais complexos como os de ordem social, cultural e simbólico, responsáveis pelo seu isolamento afetivo.

**UNITERMOS:** gênero; raça; afetividade; solidão; escolhas; racialização; corpo.

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte da minha pesquisa de doutorado em Ciências Sociais/ IFCH/UNICAMP intitulada: “Escolhas Afetivas e Significados de Solidão entre Mulheres negras na Bahia”, em etapa de conclusão.

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciências Sociais/UNICAMP.

## INTRODUÇÃO

O tema sobre raça, gênero e relações sexuais-afetivas tem sido um tema presente na tradição dos estudos sobre o Negro nas Ciências Sociais brasileiras. Do século XIX até o início do século XX, várias foram as teorias interpretativas que se preocuparam em explicar o problema da miscigenação no Brasil. Por trás destas explicações sócio-antropológicas estava subjacente a preocupação com o contato sexual-afetivo de mulheres e homens de ‘raças’ diferentes. Neste período, via-se tal contato entre os povos de forma degenerativa, um mal que deveria ser curado, a mestiçagem representava um perigo para qualquer Nação que pretendia alcançar o mais alto grau de evolução racial e social. (Rodrigues, 1935; Schwarcz, 1993). Ou então, tais teorias percebiam este contato (*melting-pot*) como um meio de embranquecer as populações não-brancas, como os africanos e seus descendentes, índios e mestiços que habitavam o Brasil (Vianna, 1932).

Na década de 30, com o declínio das teorias do racismo científico, os estudos de Freyre (1933) inaugurariam uma nova linha interpretativa acerca das relações raciais brasileiras. Sob este ponto de vista, a miscigenação como resultante do ‘confraternização’ sexual-afetiva entre negros(as) e brancos(as) no período escravocrata teria corrigido as desigualdades raciais no período colonial. A tese da democracia racial freyreana postulava que a escassez de mulheres brancas, aliados a outros fatores, teria promovido uma reciprocidade sexual-afetiva entre mulheres negras, mestiças e homens brancos portugueses, dando origem assim, as famílias ‘híbridas’ brasileiras.

Entretanto, se os trabalhos de Freyre foram inovadores, também não lhes faltaram críticas à forma como interpretou e “adocicou” o sistema racial colonial brasileiro. A crítica mais freqüente aos seus trabalhos é referente à criação do mito da democracia racial. A miscigenação seria uma “válvula de escape” que arranjaría e acomodaria os conflitos étnico-raciais entre as três raças que formaram o Brasil, camuflando-se à violência do sistema racial, patriarcal.

Outros autores criticam a obra freyreana de consolidar uma imagem estereotipada sobre a sensualização e afetividade de negros e índios especialmente da mulher negra/mestiça como objeto de desejo sexual. Ou ainda têm criticado o papel mediador (ou atenuador) e passivo que a mulher negra teria nas relações de reciprocidade racial-sexual-afetiva entre negros e brancos na obra deste autor, anulando-se o papel ativo que esta tivera nas lutas de resistência contra o escravismo e à dominação patriarcal. (Giacomini, 1988, Gonzáles, 1984 e 1979)

Entre muitas críticas a esta teoria, a questão que me parece mais profícua é de que a tese da democracia racial freyreana teria germinado no imaginário social brasileiro a idéia de um modelo ou modelos de afetividade diferenciados entre negros/as/mestiços/as e brancos/as. Dito de outro modo, parto do princípio de que essas representações sociais sobre os relacionamentos afetivos entre mulheres negras e homens brancos presentes na obra freyreana “jogam” um papel importante nos sistemas de escolhas afetivas no imaginário social. Isso se configura não só nos ditos populares que ficaram famosos e que foram legitimados na obra CG&S: “[...] com relação ao Brasil, que o diga o ditado: “branca para casar, mulata para f. ..., negra para trabalhar[...]”<sup>3</sup>, como também na produção bibliográfica sobre o Negro nas Ciências Sociais brasileiras nos anos subseqüentes.

A partir daí, as relações sexuais-interétnicas passaram a ser a pedra de toque das pesquisas posteriores. Associadas a outras questões, estas serviam como um dos indicadores para medir o quadro do sistema racial brasileiro, que segundo alguns autores, tem uma forte tendência á reciprocidade interracial, diferentemente das sociedades norte-americana ou sul-africana em que tais relações não eram sequer permitidas, seja pelas barreiras legais do racismo, seja pelo sistema classificatório bipolar que separava negros e brancos naqueles países. (Pierson, 1942, Azevedo, 1955, e outros)

Paradoxalmente, embora várias pesquisas posteriores tivessem refutado a tese freyreana de uma suposta democracia racial, (Fernandes, 1965, Hansenbalg, 1979, Gonzalez, 1979 e 1980, Giacomini, 1998,) a miscigena-

---

<sup>3</sup> Freyre, *ibidem*, p. 10.

ção brasileira não deixou de ser um problema no campo de estudos sobre as relações raciais, a cultura negra e as pesquisas sócio-demográficas no Brasil.

Nos anos 80, as pesquisas demográficas buscaram explicar este fenômeno a partir das análises da composição racial da população brasileira. Investigaram-se o crescimento e os tamanhos dos grupos raciais, a fecundidade, as chances de casamento e re-casamento da população branca, negra e amarela, e o casamento inter-racial. (Berquó, 1987; Silva 1987, )Estas pesquisas apontaram para as seguintes questões: a) a miscigenação vem sendo realizada muito mais pela preferência afetiva de homens negros por mulheres brancas ou de mulheres de pele clara do que de mulheres negras com homens brancos; b) as mulheres negras (pardas + pretas) são as menos preferidas para uma união afetiva estável pelos homens negros e brancos perdendo na disputa matrimonial-afetiva para as mulheres brancas; c) como resultante desta disputa haveria um excedente de mulheres negras solitárias, sem parceiros para contraírem uma união.

Nos anos 90, e na atualidade, poucos são os estudos que trataram desta problemática no Brasil ( com exceção de Moreira & Sobrinho, 1994). Nesse sentido este estudo procura analisar: quais os mecanismos sociais que colaboraram para a solidão das mulheres negras investigadas? Como se dá a dinâmica das relações de raça e gênero na trajetória social e afetiva das entrevistadas?

Para responder estas indagações, analiso depoimentos de duas mulheres sem parceiros fixos (solitárias) em Salvador, Bahia<sup>4</sup>. Entre estas mulheres, selecionei uma ativista política e uma não ativista política. Das duas informantes, uma é funcionária pública e a outra é funcionária de uma empresa privada, sendo que uma é secretária e a outra é fisioterapeuta. A faixa etária entre elas está entre 35 e 45 anos de idade. A seleção destas mulheres me possibilita apreender como se dá à articulação do binômio gênero e raça e de outros marcadores sociais nas suas trajetórias afetivas-sociais<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Estas entrevistas foram realizadas em 2001. Estas fazem parte do meu universo investigado, composto por 25 mulheres negras selecionadas para a pesquisa. Entres as 25, 10 foram selecionadas para entrevistas em profundidade acerca de suas trajetórias sociais e afetivas.

<sup>5</sup> Meus agradecimentos aos pareceristas anônimos desta revista, cujas sugestões foram valiosas a

## **GÊNERO, RAÇA E ESCOLHAS AFETIVAS: PROBLEMATIZANDO O TEMA**

A complexidade deste tema está em articular afetividade com aspectos raciais e de gênero. Isso acontece porque neste estudo sobre afetividade/solidão entre mulheres negras uma dificuldade encontrada é que tanto para o senso comum como para algumas correntes do pensamento acadêmico, as questões de ordem afetiva/amorosa são concebidas como elementos restritos às escolhas individuais/pessoais. Ou então, classificam tais sentimentos como pertencentes ao chamado “mundo feminino”.

Isto traz alguns problemas analíticos/conceituais, sobretudo, quando se relaciona afetividade com recortes sexuais. Habitou-se a afirmar que problemas sentimentais são problemas de mulheres, ou que as mulheres sofrem mais do que os homens em questões relativas à vida conjugal-afetiva. Com isso associa-se o mundo privado com o mundo feminino, como se um estivesse intrinsecamente ligado ao outro, ou seja, a uma “natureza feminina”.

Tais percepções são utilizadas também em relação à questão de ‘raça’. Não é à toa que o imaginário social associa a sexualidade e a afetividade dos negros/as e índios/as a atributos naturalizados/biologizados. Depreende-se, desta visão, que comportamentos sócio-culturais e históricos são reduzidos às diferenças sexuais – fenotípicas. Refiro-me a certas concepções que ainda existem acerca da potencialidade “natural” do negro/negra em relação à sexualidade. Tais concepções tendem a perceber fatores de ordem sócio-histórica como se fossem “fatos” da natureza (da biologia), justificando-se, assim, concepções e práticas discriminatórias como o racismo e o sexismo, por exemplo. (Ver Stolcke, 1991 e Gonzalez, 1982)

O propósito deste trabalho é desconstruir estes estereótipos que associam a afetividade ao mundo privado/individual/feminino, naturalizando “lugares” e congelando categorias, como as de mulher, afeto e raça.

---

este artigo. À minha grande amiga, Maria Geny Ferreira Santo, pela leitura cuidadosa do texto, pelo estímulo e pelos palpites. À Carla Bahia, pelo abstract.

Vários pesquisadores (as) do chamado campo de estudos de gênero têm dado uma contribuição importante no que se refere a desconstrução das concepções citadas acima. Uma de suas grandes contribuições referem-se aos usos e limites de categorias naturais, essencializantes, como as de “mulher”, “mulher”/“homem”, “masculino” e “feminino” como entidades universalizantes e duais calcadas no substrato biológico das diferenças sexuais, ou de uma identidade feminina fixa e universal.

Tais premissas têm sido colocadas em xeque pelas novas teorias do campo dos estudos de gênero. Estas abordagens criticam veemente alguns pressupostos básicos das teorias feministas já citados. Centralizar-me-ei rapidamente na crítica ao sujeito “mulher”.

Um das críticas principais aos estudos feministas tem sido em recorrência de ter priorizado uma unidade identitária universal entre as mulheres. Esta “a mulher” teria como sua base fundadora à essência natural, sexual e anatômica feminina, o que definia *a priori* a sua identidade, quer seja em qualquer lugar, tempo ou situação: “mulher é mulher”.

Ou então, o sujeito mulher continuou sendo pensado a partir de construções binárias do gênero. Mesmo introduzindo o gênero como categoria de análise, as teóricas do feminismo continuaram a pensar de forma dicotômica. Dividindo o gênero entre masculino e feminino, opondo gênero enquanto uma construção cultural como se fosse o espelho da natureza sexual, elaborando-se: masculino: homem; feminino: mulher. (Stolcke, 2002)

Na década de 80, intelectuais e ativistas dos movimentos *gays*, lésbicos e do feminismo negro nos contextos europeu e norte-americano questionaram a primazia dessas categorias “mulher”, “homem e mulher”, “masculino e feminino” como entidades universais e duais. Criticaram a homogeneização da categoria mulher branca, de classe média e heterossexual, assim como os *gays* reclamavam a sua invisibilidade nas formulações das teorias do feminismo e nas agendas políticas desses movimentos. (Haraway, 1995, Butler, 1990)

Nesse contexto é que o *black feminism* e as intelectuais negras começam a formular teorias para analisarem as especificidades das mulheres ne-

gras, atentando para as suas diversas formas de experiências de classe, de região, de etnia, nacionalidade, orientação sexual, etc.

Tais teorias, denominadas de *Standpoint Theory* deram uma contribuição importante na introdução das categorias de gênero e raça nos escritos feministas. A sua contribuição foi justamente desestabilizar com a noção do sujeito uno “mulher”, atentando para as várias identidades construídas pelas mulheres negras em diferentes contextos sociais e históricos. (Ver Collins, 1989)

No entanto, embora estas teorias do *Standpoint* busquem identificar a diversidade dos sujeitos “mulheres negras”, as teorias pós-modernas, nas quais boa parte das teorias do gênero citadas se filiam, não deixaram de criticar o eixo essencialista identitário nas suas formulações. As críticas recaem no uso da noção de identidades, mesmo que pluralizadas na utilização da categoria mulheres. (Ver Haraway, 1995a ; Butler, 1990 ; Scott, 1990, Corrêa, 1995)

Um dos argumentos centrais dessa crítica está na construção de sujeitos pré-discursivos, preconizados pelas perspectivas dos feminismos, clamando sujeitos mulheres ao invés de utilizar gênero como uma categoria fluída, relacional, dinâmica, que envolve homens, mulheres, masculinidades, feminilidades, corporalidades deslocadas daqueles pressupostos que fundamentaram as teorias feministas, o feminismo e outras teorias de caráter identitário, tendo como referenciais os movimentos *gays*, lésbicos, o feminismo negro, etc. (Ver Almeida, 1995; Monteiro 2002)

O gênero passa a se constituir em tudo em que seu significado permite em termos de relações sociais, principalmente com ênfase nas suas diferenças, menos em termos de identidades pré-fixadas, mediando, assim, relações (ver Ramirez, 2002; Costa 2002) e atentando para os contextos particularizados e para os “aparatos discursivos” nas quais estas elaborações são construídas. É dizer, desconstruir com toda noção de sujeito moderno. (Arditi, 1995, Haraway, 1995b; Strathern, 1988, Maccormack & Strathern, 1987)

É claro que estas teorias embora sejam extremamente avançadas do ponto de vista epistemológico em relação aos usos do gênero, não deixam também de serem criticadas devido às suas implicações políticas para o fe-

minismo e para os vários grupos sociais excluídos que construíram suas lutas e bandeiras políticas a partir da proclamação de identidades fixas, tendo como elaboração central à unidade do sujeito moderno.

Embora eu concorde com algumas críticas das teorias do gênero, não abduco da categoria “mulheres”. Utilizo, também, as categorias gênero e raça, neste artigo, sobretudo os sujeitos mulheres, atentando para a sua utilização relacional e para os referentes históricos- discursivos nas quais foram elaboradas. Em outro artigo (Pacheco, 2002) demonstrei que é possível trabalhar tais mediações sem abdicar das diferenças e das identidades construídas nas experiências das mulheres. (Ver Bairros, 1995; Carneiro, 1995, Hooks, [1991 e 1995] e Moore, 2002)

Como adverte Kofes (1993, p. 28):

“[...] gênero seria um instrumento que mapeia um campo específico de distinções, aquele cujos referentes falam da distinção sexual. Quer onde estão sujeitos concretos substantivos, homens e mulheres, quer onde nem mesmo encontremos estes sujeitos”.

Assim, nesta ótica, gênero e mulher não são categorias excludentes e dicotômicas, e portanto podem ser relacionais e mapeadas pelas teorias do gênero.

Da mesma forma, assim como o gênero, as emoções/afetividade não são tomadas, nesse artigo, como fatores de ordem natural e estritamente individual. As escolhas afetivas entre homens, mulheres, brancos, negros, movem no contexto social em que são estruturadas por fatores culturais e históricos. Através da afetividade, pode-se desvendar como determinados códigos culturais expressam diferenças sociais historicamente construídas. Dito de outro modo, acredito que no terreno das experiências afetivas é provável encontrarmos várias formas conjugadas de relações sociais, entre estas, às desigualdades de gênero e raça expressas, também, sob a forma de sentimentos. (Mauss, (1969, p. 81)<sup>6</sup>; Castro, Viveiros de & Benzaquén de Araújo, 1977).

---

<sup>6</sup> Segundo o autor: “[...] Ce ne sont pas seulement les pleurs, mais toutes sortes d’expressions orales des sentiments qui sont, essentiellement mon pas des phénomènes exclusivement psycholo-

Para Geertz (1989, p. 57, 95) a cultura é construída por diversos “mecanismos de controle”. Esses mecanismos de símbolos nos quais os indivíduos, também, participam governam os seus atos e suas experiências emocionais. Se a cultura é pública os significados afetivos também os são (“símbolos públicos”) e afirma: “Não apenas as idéias, mas as próprias emoções são, no homem, artefatos culturais”. Daí depreende-se que tanto para Mauss assim como para Geertz a cultura é pública e suas manifestações e experiências emocionais não estão dissociadas dos sistemas culturais.

Sob essa discussão, Bourdieu (1989; 2002) faz uma leitura interessante. Segundo este autor, o “gosto” por uma obra de arte, e eu estenderia, por uma pessoa, gostar de alguém, escolher alguém para se relacionar afetivamente faz parte de um campo de relações sociais onde os indivíduos agem (ou escolhem) guiados pela lógica deste campo.

Nesta abordagem a preferência afetiva está condicionada por um conjunto de dispositivos duráveis (*habitus*) que tem haver com a cor, com o sexo, com a geração, com a classe, etc. Estes dispositivos são interiorizados pelos indivíduos ao longo de suas histórias e exteriorizados e re-arranjados de acordo com o espaço social em que estes estão inseridos. Sendo assim, os indivíduos fazem escolhas já condicionadas pela sua cultura que depende, também, do jogo de interesses (e das estratégias) dos agentes posicionados no determinado campo social, assim, como depende do grau de investimento dos vários tipos de capitais. (Bourdieu, 1996)

Numa mesma tentativa de estabelecer uma mediação entre a cultura e os sentimentos individuais, a antropologia contemporânea<sup>7</sup>, sobretudo os trabalhos de Michele Rosaldo (1984)<sup>8</sup> são pioneiros nas novas abordagens sobre

---

giques, ou physiologiques, mais des phénomènes sociaux, marqués éminemment du signe de la non spontanéité et de l'obligation da plus parfaite” (Mauss, 1969, p. 81)

<sup>7</sup> Ver o balanço desta bibliografia em Lutz & White (1986); Shweder & Levine (1984) e Reddy (1997).

<sup>8</sup> Segundo a autora: “[...] Emotions are thoughts somehow “felt” in flushes, pulses, ‘movements’ of our livers, minds, hearts, stomachs, skin. They are embodied thoughts, thoughts seeped with the apprehension that ‘I am involved [...]’”

as emoções. Segundo esta autora, tal mediação é possível através das experiências do *self* com a produção cultural. A interação entre os dois elementos permitiria a negociação e a construção dos significados pelas pessoas no relacionamento umas com as outras. As emoções, nesse sentido, são vistas como julgamentos (“judgments”), isto é, como concepções socialmente construídas. É assim que a experiência emocional informaria sobre estrutura social, relações de poder, noções de corpo e outras formas culturais.

Acredito que estas concepções são muito úteis para esta pesquisa. Parto do princípio que as experiências emocionais/afetivas expressam significados públicos nos quais os indivíduos estão envolvidos numa teia ou trama de relações sociais de uma determinada cultura. Tais concepções, explicitadas pelos autores acima, não esvaziam os sentidos que as pessoas atribuem aos seus atos e nem tampouco as aprisiona numa “camisa de força” das estruturas normativas. Pode-se dizer que a escolha de alguém ou de algo não está fora dos limites daquilo que uma determinada cultura pensa e vivencia como sendo aceito ou não, mas, também, possibilita re-atualizações, ajustes, re-significações dos indivíduos através das suas experiências afetivas e sociais.

Tal estratégia impede que se perceba a afetividade, o “gênero” e a “raça” como dados inatos às mulheres negras investigadas, e sim, como uma construção relacional que envolve pessoas, homens, mulheres de cor, classe, etnia e raça semelhantes e diferentes.

Nesse sentido, procuro analisar, neste artigo, como estas mulheres negras constroem significados em relação às suas trajetórias afetivas e acerca da solidão? Como se dá a dinâmica das relações raciais e de gênero nesse campo afetivo?

## **RAÇA, GÊNERO E AFETIVIDADE: ESCOLHAS AFETIVAS E SOLIDÃO ENTRE MULHERES NEGRAS NA BAHIA**

Como já foi dito anteriormente, entrevistei duas mulheres negras. Para identificar quem era negra, utilizei o recurso da auto-classificação da cor/raça pelas próprias entrevistadas. Todas se consideraram “negras” e se encontra-

vam na faixa etária entre 35-45 anos de idade. É necessário lembrar que o critério geral para a seleção das informantes foi a sua situação de não-união, ou seja, eram mulheres negras, que até o momento da entrevista, encontravam-se solitárias, sem parceiros fixos. Veremos o depoimento da primeira entrevistada acerca da sua trajetória afetiva e sobre as suas relações amorosas.

#### A) RACIALIZAÇÃO, CORPO E SOLIDÃO

À primeira entrevistada vou denomina-la de ‘S’ como uma forma de preservar o seu nome. ‘S’ é solteira, tem 38 anos de idade, se auto-classifica como negra, nasceu em Salvador, não tem filhos, é funcionária pública, graduada em Ciências Contábeis por uma Universidade particular da Bahia. É ativista (liderança) do movimento negro baiano.

#### ORIGEM SOCIAL E FAMILIAR

‘S’ nasceu num bairro popular, embora, geograficamente ele esteja localizado no centro da cidade, é um bairro ‘periférico’- popular. Na década de 60, no período que a informante nasceu, este bairro era uma favela, chamava-se Favela da Roça do Lobo. Depois do processo de urbanização na década de 80, a favela se transformou no bairro e tem outra denominação, Vale dos Barris. A casa de sua família de origem localiza-se até hoje nas ‘encostas’ do Vale. Durante a sua infância ‘S’ sofreu muita discriminação em seu bairro, segundo ela, era devido ao “pessoal de lá de cima”, “as meninas não gostavam de brincar com a negrinha, filha da lavadeira, com agente aqui de baixo, por isso quando eu encontrava uma daquelas meninas de lá cima, eu batia nelas, metia a porrada”.

‘S’ vivenciou uma trajetória de muita pobreza. Como a maioria das mulheres negras que entrevistei às suas mães foram trabalhadoras domésticas ou exerciam atividade consideradas femininas e de baixa remuneração. Com a mãe de ‘S’ não foi diferente, esta foi trabalhadora doméstica e lava-

deira 'lavava para fora'. Foi através do trabalho doméstico que esta conseguiu criar, sozinha, os quatro filhos, sendo três filhos naturais e um adotivo. Embora sua mãe fosse casada duas vezes, 'S' é a única filha do segundo casamento, as duas uniões consensuais de sua mãe duraram pouco tempo. Segundo o depoimento da informante, sua mãe passou por várias decepções amorosas, um delas foi com seu pai. 'S' mal conheceu seu pai, apenas teve alguns contatos com ele já na vida adulta, ele era trabalhador da construção civil e depois profissionalizou-se como motorista de táxi. Segundo 'S' ele viveu com várias mulheres antes e depois de ter se 'juntado' a sua mãe. Disse-me que seu pai teve muitos filhos com mulheres diferentes. Ela seria a sexagésima quarta filha pela linha paterna!

Após sofrer várias decepções amorosas, sua mãe não se casou mais. Atualmente, ela é aposentada e tem 82 anos de idade, dedicou-se quase toda a sua vida ao trabalho doméstico, à família e à religião: é Testemunha de Jeová.

### **A ESCOLA: UM CAMINHO PARA A REALIZAÇÃO PROFISSIONAL**

Segundo Bourdieu (1989) a trajetória educacional é um importante instrumento de análise para identificar a mobilidade social dos indivíduos dentro da estrutura social. No caso da trajetória de 'S' a educação teve um papel fundamental em sua trajetória profissional. Foi através da educação pública de boa qualidade (na época) e dos investimentos sociais necessários que 'S' conseguiu 'subir' na escala social. Aliás, a educação tem sido um meio importante de mobilidade individual para as pessoas negras, como atestam alguns estudos<sup>9</sup>. Entretanto, assegurar a educação dos filhos nem sempre é possível, principalmente quando as redes familiares são desprovidas de capital sócio-econômico e cultural. Mas como 'S' tentou driblar tais barreiras?

Foi através do trabalho doméstico, que D. 'M', mãe de 'S', conseguiu educar os filhos. 'S' e seus irmãos (duas mulheres e um irmão) estudaram em colégios públicos durante a adolescência. Após persistir em seus estudos, 'S'

---

<sup>9</sup> Além dos estudos clássicos já citados que abordam esta questão no Brasil, ver algumas pesquisas contemporâneas, como Lima (1995) e Figueiredo (2002).

conclui o segundo grau. Depois de concluir o segundo grau com dezessete anos de idade, prestou vestibular para o curso de Ciências Contábeis numa Universidade particular, alcançando êxito. Algum tempo depois, através de concurso público ingressara no mercado de trabalho e começara a trabalhar como secretária do departamento de uma empresa pública federal.

Diferentemente de sua mãe e de outras mulheres negras, 'S' trilhou um outro caminho profissional, trabalha como secretária, ocupação socialmente exercida mais por mulheres não-negras. Através do trabalho, 'S' consegue estabilizar-se financeiramente e passou a ajudar à sua família, inclusive investindo na formação escolar de seus seis sobrinhos. Em função de seu trabalho e de outras ocupações que exerce paralelamente, atualmente tem uma renda individual de mais de cinco salários mínimos, o que lhe possibilitou morar sozinha num apartamento que alugara no centro da cidade.

## **b) Do trabalho à prática política**

A trajetória política de 'S' na verdade vem de longa data. Desde à adolescência participava dos grupos de jovens ligados à Igreja Católica no seu bairro. Depois participou do movimento estudantil secundarista nas escolas públicas em que estudara. Mas seu engajamento político como uma liderança do movimento social, solidificou-se após ter ingressado no mercado de trabalho como funcionária pública federal. No espaço de trabalho 'S' passou a ter contato com a militância sindical. De acordo com o seu relato, em 1985, conheceu pessoas que militavam no sindicato de sua categoria profissional. No próprio sindicato passou a ter contato com alguns ativistas do movimento negro organizado. Em 1996, filiou-se a uma entidade do movimento negro em Salvador, onde atualmente é coordenadora municipal.

'S' ao descrever a sua própria trajetória, alude categorias que lhes são significativas no redimensionamento de sua prática social, política e afetiva. Disse-me que o movimento negro lhe 'abriu portas para a vida'. Antes de ingressar no movimento negro não sabia definir bem suas aflições pessoais, existenciais, por isso, buscava explicações no plano espiritual. Sob a influên-

cia de sua mãe, buscou a religião protestante como uma alternativa para resolver os seus problemas afetivos e pessoais. Segundo ela:

“Eu queria explicações para os meus problemas íntimos, eu buscava ali um sentido para as coisas, aí corri para o protestantismo. Não dava mais pra tá atribuindo a um Deus, a uma força maior, o sucesso ou o fracasso, aquela sensação de culpa que existia dentro de mim, né? Os pastores da Igreja são perfeitos ao colocar isso na cabeça das pessoas... eu sentia culpa por ter desejos sexuais, eu tinha um namorado, agente se dava bem na época e porque não ir pra cama com ele?”

Após a ingressar no movimento social, ‘S’ percebeu que a religião protestante não era mais a solução para resolver os seus problemas pessoais e afetivos-sexuais. Através de sua prática política passou a ter novas percepções sobre a vida, sobre os relacionamentos amorosos e sobre sua sexualidade. O Movimento Negro foi um acontecimento que teria mudado o curso de sua trajetória. Como a prática política interferiu nas suas escolhas afetivas? Como se dá a dinâmica da relação raça e gênero e outros marcadores sociais no campo amoroso? Com percebe e ressignifica a solidão? Vejamos.

## **A POLÍTICA DO AFETO**

Como havia dito, a política é um divisor de água na trajetória de ‘S’. Ela mesma percebe sua história como um filme, em que ela própria descreve as cenas que atua. De forma descontínua, falando de sua vida amorosa, ela contou-me que só teve um relacionamento estável com um homem negro que durou sete anos, mas isso aconteceu na sua adolescência, daí em diante, todos os seus relacionamentos foram instáveis. Percebi que a categoria geração, nesse contexto, é bastante significativa no delineamento da estabilidade afetiva no relato da informante. Isso também é perceptível com relação a outra trajetória analisada. Este dado merece ser destacado porque a idade /geração torna-se uma categoria que demarca uma diferenciação nítida do ponto de vista da posição social e do capital político acumulado

dessas mulheres na sua trajetória social. Não é à toa que as mulheres negras solitárias selecionadas que possuem prestígio social ou político estão todas acima da faixa etária dos 30 anos de idade. Neste caso, a depender de como estas categorias se operam no plano da estrutura social (gênero raça e geração) estas podem favorecer ou não as escolhas afetivas entre as mulheres negras selecionadas. Analisando a trajetória de 'S' isso fica visível. Vejamos.

Continuando com a narrativa de 'S', segundo ela, isso aconteceu (relações instáveis) porque os homens negros com os quais ela 'ficou' foram frutos de sua conquista: "eles só ficaram comigo pelo o que eu representava" (percebe-se como uma mulher inteligente, diferente, que tem consciência política). Na sua fala o prestígio político que acumulara, ao invés de afastar seus parceiros, mesmo que seja para relações instáveis, (para 'ficar') os aproximou. Neste aspecto citado o depoimento de 'S' revela uma apropriação simbólica dessas relações sociais (inclusive do gênero/*status* político) no campo afetivo. Todavia quando aciona outros marcadores sociais, como o de raça, gênero e política o seu leque de expectativas amorosas tende a se fechar.

Porém, continuando com o seu relato, 'S' atribui ao seu padrão estético de beleza um dos motivos pelo qual não é preferida afetivamente pelos homens. Em seu depoimento isso se explicita quando caracteriza o tipo de beleza feminina que os homens têm preferência para se relacionar afetivamente: "Eles querem uma mulher para ostentar, uma mulher que tem um padrão estético diferente do meu, que é uma mulher sem barriga, magra, com traços brancos, os cabelos lisos nas costas".

Nesta última fala de S, a racialização aparece informada pelo dispositivo do corpo: a cor escrita no corpo feminino (negro e gordo) demarca uma diferenciação entre mulher negra e branca. A estética, as concepções sobre o belo trazem a marca de várias produções históricas-discursivas. É como se o corpo 'encarnasse', 'falasse' materializasse as relações de poder através de suas relações afetivas-sexuais. Esse mesmo corpo<sup>10</sup> é engendrado

---

<sup>10</sup> Sobre uma discussão de corpo/corporalidade ver, Moore (2000) e Ramirez (2002).

por um imaginário social que elabora noções de um corpo racializado, magro, enbranquecido e ‘sexuado’. Estes ordenariam as escolhas amorosas (Foucault, 1979, Haraway, 1995).

Neste último aspecto, os traços fenotípicos, a estética de mulheres brancas e negras são codificadas como elementos que obstruem as preferências afetivas, tensionando as relações entre homens e mulheres negros. Neste contexto, a racialização divide e recorta tais relações, colaborando para o isolamento afetivo de ‘S’ e de outras mulheres negras analisadas. Esta hipótese, longe de ser generalizante e descontextualizada, pode ser confirmada em vários momentos nesse artigo.

Continuando com a história de S, comentando sobre a preferência afetiva de homens negros por mulheres não-negras, ela disse-me que acha que nem todos os homens negros agem dessa forma. Perguntei-lhe quais homens agiriam dessa forma? Segundo a informante, só os homens negros que ascendem socialmente, estes, sim, procurariam parceiras brancas para se relacionar afetivamente. Embora este argumento esteja presente no senso comum e na literatura das décadas de 40 e 50 nas Ciências Sociais, outras pesquisas na atualidade têm atestado a predominância deste modelo em que homens negros se casariam com mulheres mais claras como uma estratégia de mobilidade social. Entretanto, na trajetória de ‘S’ não encontrei nenhum caso que pudesse elucidar este modelo<sup>11</sup>.

Voltando ao depoimento de S, quando eu lhe perguntei se teve experiências afetivas-sexuais com algum homem branco, ela me respondeu que durante a adolescência seu tipo ideal de namorado era os garotos brancos e refere-se a estes como os “príncipes encantados das novelas, das revistas, dos contos, todos brancos”. Revela que havia muitos garotos brancos na escola pública que estudara quando era jovem, no entanto, apesar da tentativa, nenhum caso deu certo, e afirma: “eles preferiam as meninas brancas”. No entanto, em outras conversas com S, ela me contou que (na fase adulta)

---

<sup>11</sup> Ver Azevedo,1955, Moreira & Sobrinho ,1994 e Carneiro, 1995.

tivera algumas experiências sexuais com um homem branco. Ironiza da situação quando classifica seu relacionamento entre “quatro paredes”. Tal denominação revela uma experiência sexual em segredo, passageira, baseada no sentimento carnal: “umas transas, nada a sério”

Neste depoimento, as categorias que orientam às escolhas afetivas no depoimento de ‘S’ são a divisão entre sexo e afeto<sup>12</sup>. A noção de afeto está associada à estabilidade afetiva/conjugal, ao amor ‘verdadeiro’ sinalizado pela busca de um companheiro que estivesse ao seu lado para a vida toda. O sexo seria o lado quase ‘profano’, carnal, passageiro, impuro. Ao lado da construção da idéia de sexo se construiria à idéia de feminilidade negra. Para ‘S’ o seu corpo “africano” só lhe permitiria ser preferida para o amor carnal. Atribuí-se a sua feminilidade racializada a sua situação de solidão em contraponto à razão das mulheres brancas serem preferidas para um relacionamento conjugal. A afetividade torna-se um veículo importante no cruzamento destes significantes raciais e de gênero. Se pensarmos que em nossa sociedade (ocidental) há uma construção naturalizada da relação entre ‘sexo’, gênero e desejo, como supõe Butler (1990), criticando o modelo hegemônico de matriz heterossexual, não é menos verdade que este modelo também opera, nesse caso, com significantes raciais, o que por sua vez, desmonta a idéia de um modelo homogêneo, posto que outras categorias como a de gênero e raça ajudam a desestabilizar tal noção.

Giddens (1993, p. 72) tem uma explicação semelhante em relação às relações amorosas na modernidade. Segundo ele, o ideal de amor romântico, na atualidade, tende a fragmentar-se, em função da autonomia sexual

---

<sup>12</sup> Caulfield (1996, p. 147) referindo-se a sua pesquisa realizada sobre experiências de réus, vítimas e testemunhas em processos de crimes sexuais, no Rio de Janeiro, no período de 1918-1940, identifica que boa parte dos casos de defloramento ou estupro o acusado era mais claro do que a vítima. Par esta autora a cor dos acusados orientaria as preferências sentimentais pelas brancas, assim, como os atos de violência sexual pelas negras. O que orientaria esta prática, (a preferência) segundo a autora, seria esta concepção de sexo e afeto associados a cor da pele das vítimas e do acusador.

emancipatória das mulheres, provocando um choque entre o ‘amor romântico’ e o ‘amor confluyente’. O primeiro se definiria como ‘para sempre’, imbuindo-se de certa identificação projetiva, uma totalidade com o outro. No segundo, o amor confluyente, seria uma espécie de amor real (e carnal), que muda com o tempo e o lugar, afastando-se da ‘pessoa especial’.

Giddens ainda acrescenta que o amor romântico, como uma concepção da sociedade ocidental moderna, tem se constituído num equilíbrio entre os gêneros, mostrando uma certa tendência igualitária e romântica na invisibilidade do poder (uma máscara) do indivíduo que ama e é amado independente dos critérios sociais externos, ou seja, independentes das relações sociais e históricas que o marcaram, como: raça, orientação sexual, classe social, idade, etc.

Outros autores como Viveiro de Castro e Benzaquén de Araújo (1977) chamam atenção para a construção ocidental em torno do amor romântico. Para estes autores a idéia de que “o amor vence tudo” parte de uma matriz universalista igualitária sustentada pelo individualismo ocidental. Nesse entendimento não se questiona as diferenças sociais existentes entre os indivíduos, tornando as relações sociais como se fossem a-históricas, transcendentais.

Analisando a concepção de S, observei que a noção de amor romântico ganha novas dimensões quando vivenciadas em contextos específicos. Na narrativa da entrevistada conforma-se uma outra concepção de amor romântico desse analisado por Giddens. Para ela, a pessoa ideal é aquela que faz parte de seu ‘mundo’ étnico-sexual, o ‘outro-perfeito’, neste sentido, é o homem negro –heterossexual que possa compartilhar de seus projetos desejados. Através do movimento social, do movimento negro ‘S’ conseguiu construir o seu capital mais valioso: o seu prestígio político. Como a política interferiu em suas escolhas afetivas? Como esta colaborou para a sua solidão? Quais são os mecanismos sociais que estruturaram as trajetórias afetivas da entrevistada?

## POLÍTICA, PODER E AFETO, PODE?

Um dos projetos de vida da informante é a luta contra a opressão racial e sexual. Como falei no início deste texto, S é ativista política do Movimento Negro organizado da Bahia. Sendo assim, o lugar ou os lugares dos quais ela fala tem haver com a sua trajetória política-social, com suas percepções sobre as relações raciais e de gênero nesses movimentos que orientaram também suas ‘escolhas afetivas’.

‘S’ ao falar sobre as suas relações amorosas com os militantes do movimento negro, afirma que os militantes negros se diferenciam dos demais homens, porque, estes, ainda, preferem parceiras negras para se relacionar afetivamente. Todavia, em outros momentos, ressaltou a dificuldade de se relacionar afetivamente com tais militantes: “para eles (os militantes negros) nós somos ‘complicadas’, ‘problemáticas’ como eles costumam me chamar”.

Nesse caso, as elaborações políticas acerca das relações de gênero no seio do movimento social, entre mulheres e homens, serviriam como bloqueios à vida afetiva estável da entrevistada. Isso se expressa nos seu *ethos* político e nos significados atribuídos à solidão:

“A solidão dói, dói , dói demais, eu quero um homem que fique ao meu lado [...], porém, principalmente, o homem da militância que você (ela) considera seu companheiro, que busca as mesmas coisas que você no contexto geral, no entanto, você olha par ele e diz: vamos tentar? (uma relação afetiva) e ele diz: não, não, só quer ‘ficar’”.

Deste depoimento, várias questões podem ser apreendidas. As escolhas afetivas da informante, sobretudo a sua situação de solidão, podem ser interpretadas por vários deslocamentos em sua trajetória.

No primeiro momento, o ‘gênero’, as relações entre homens e mulheres, pode ser decifrado através de duas categorizações: a racialização e a corporalidade. Quando a informante fala de suas relações afetivas, alude símbolos que denotam a cor da pele, os traços fenotípicos, o corpo, a estéti-

ca negra como elementos condicionadores das escolhas dos homens em relação às suas parceiras preferidas. Esses “símbolos públicos”, para utilizar uma expressão geertziana, orientariam as escolhas e preferências afetivas, colaborando para a sua solidão afetiva.

Porém, a produção desses símbolos já descritos não se dá ‘fora’ de um campo socialmente estruturado. Isto é, as escolhas afetivas de ‘S’ foram delineadas devido a vários fatores objetivos: primeiro, proveniente de uma família pobre e negra, filha de uma trabalhadora doméstica, separada, solitária, vivenciou desde à infância a precariedade das relações sociais no bairro, legitimadas pela violência simbólica e pelo preconceito social e racial no local em que morava: ‘a neguinha, filha da lavadeira’. Esta violência também foi constituída nas relações afetivas com os garotos brancos e negros que a rejeitava na escola devido a seu ‘corpo gordo e africano’. Expressando-se, também, na percepção negativa de sua vida pessoal, buscando na religião uma ‘saída’ para solucionar os problemas de ordem sexual e afetiva.

Porém, através das estratégias familiares, do trabalho doméstico de sua mãe (e da patroa de sua mãe) ‘S’ pôde investir na sua formação educacional nas escolas públicas de boa qualidade, o que lhe possibilitou trilhar um outro caminho ocupacional daquele trilhado por sua mãe e pela maioria das mulheres negras, o trabalho doméstico. Na empresa pública federal, que ingressara através de concurso público, como boa parte de negros de sua geração, ‘S’ experimentou uma certa mobilidade individual ascendente, um ‘passaporte’ para a sua realização profissional e pessoal. No local de trabalho, construiu novas redes de relações sociais que lhe abriu caminhos para a sua prática política e inserção no movimento social.

No movimento social, Movimento Negro, ‘S’ ganha ‘prestígio político e se torna uma liderança (dirigente) de uma grande entidade política em Salvador. A partir daí a sua rede de relações afetivas embora se amplie (com os militantes negros) não consegue manter relações afetivas estáveis com estes e nem com outros homens negros (‘eles só querem ‘ficar’) A sua percepção ‘política’ das relações de gênero (relações desiguais entre homens e mulhe-

res) e das relações raciais (entre negros e não-negros), sugiro, associadas ao corpo racializado (fenótipos, estética) paradoxalmente, ao invés de atrair parceiros, teria obstruído suas relações amorosas estáveis. Isso se evidencia num discurso feminista ‘crítico’, bem elaborado sobre as relações e as práticas do racismo/machismo o que afastaria seus pares – masculinos-heterosnegros-militantes da sua vida afetiva desejada: (‘para eles, nós as militantes somos problemáticas’). Talvez o fato de ser uma feminista negra (gênero e raça), com mais de trinta anos (geração) com prestígio político tenha contribuído para uma desestabilização no campo afetivo.

Várias vezes em seu relato, S referiu-se a um modelo ideal-típico de homem negro militante. Seria um homem diferente dos demais, politizado, consciente, inteligente, compreensivo, amoroso, trabalhador e que seria capaz de construir um relacionamento estável e respeitável. Ao elaborar um modelo ideal de homem negro, S também construía um modelo ideal de igualdade de gênero (matriz heterossexual) que se confrontava o tempo todo com a realidade vivenciada por ela. O amor ideal, romântico chocava-se com o amor confluyente descrito por Giddens. Só que esse amor confluyente tem cor, tem ‘sexo’, tem ‘corpo’, logo é transitório e entra em conflito com o modelo proposto.

Fico a me perguntar, se o modelo estável de relações afetivas/conjugais de matriz heterossexual se adequaria à realidade dessas mulheres negras, isto é, a sua história de luta diante da exclusão social, chefiando famílias, desafiando o “poder masculino” aquilo que Landes (1947) denominou de um matriarcado negro na Bahia. É o que veremos na próxima trajetória.

### **C) UMA TRAJETÓRIA EM ASCENSÃO**

Á segunda informante vou denomina-la de “R”. “R” é solteira, tem 43 anos, auto-identifica-se como negra, nunca foi casada, tem um filho. Nasceu em Salvador, Bahia, mora no bairro considerado de classe média

baixa. É formada em Fisioterapia numa Universidade privada de Salvador, trabalha como fisioterapeuta há quase dez anos.

Diferentemente da primeira entrevistada, “R” tem um padrão de vida mais estruturado em termos sócio-econômico, além disso não é liderança do movimento negro, embora segunda ela, tenha “consciência negra”. Além deste aspecto mencionado, a origem social e familiar de ‘R’ tem alguns pontos de semelhança e diferença em relação à trajetória de ‘S’. Embora os percursos sociais das duas informantes sejam diferentes em alguns aspectos, as suas trajetórias sociais levaram-na a mesma situação de solidão. Quais os elementos estruturadores da trajetória afetiva de ‘R’? Quais foram os caminhos que orientaram as suas escolhas afetivas?

### **TRAJETÓRIA FAMILIAR**

Como havia dito, ‘R’ nasceu em Salvador. Tem cinco irmãos, três são mulheres e dois são homens, ela é a irmã mais velha. Seus pais são originários da cidade do interior da Bahia. Eles vieram para a cidade muito cedo à procura de trabalho. Seu pai foi carpinteiro da Odebrechet, uma das maiores empresas privadas de construção civil do país, depois foi mestre de obras até aposentar-se. Sua mãe foi trabalhadora doméstica ‘trabalhava em casa de família’, igualmente a mãe de ‘S’ e a outras mulheres negras, depois do casamento e dos filhos passara a ser dona de casa. Diferente da trajetória familiar anterior, os pais de ‘R’ ficaram casados por muito tempo, à separação só ocorreu devido à morte de um dos cônjuges, à de sua mãe.

Outro aspecto que diferencia esta trajetória da anterior está relacionado com as estratégias familiares empreendidas no investimento cultural dos filhos. O pai de ‘R’ como operário da construção civil conseguiu obter mobilidade profissional dentro da empresa em que trabalhara, o que lhe proporcionou maior capital econômico-social. Isso se deu também devido às mudanças estruturais da economia baiana da época, em que as ‘chances’ de emprego estavam em consonância com os projetos de desenvolvimento

regional. Através de seu trabalho, o pai de 'R' pôde ter um padrão de vida familiar 'mediano'. Todos os filhos, principalmente os mais velhos, tiveram um investimento duro em sua formação educacional. Segundo a informante o sonho de seu pai "era que todos os filhos cursassem universidade, sobretudo os meninos (seus irmãos) pudessem se formar na área de Engenharia Civil, Administração de Empresas e depois trabalhassem na Odebrecht".

Diferentemente das relações familiares da primeira informante, em que a mãe era a chefe de família, o pai de 'R' era o chefe provedor da família, como já foi dito, sua mãe tornou-se dona de casa, preocupando-se com a educação doméstica dos filhos, enquanto o seu pai trabalhava 'fora'. Percebe-se, neste caso, relações construídas por marcadores de gênero, reproduzindo-se um modelo tradicional em que o homem é o provedor, 'trabalha fora' e a mulher é a administradora da casa.

## A AFETIVIDADE E A PERCEPÇÃO DO CORPO NEGRO

Em função da mobilidade individual que seu pai experimentara, 'R' teve um grande investimento educacional. Estudou em escolas particulares até concluir o ensino fundamental. Depois continuou o ginásio em escolas públicas que, há mais de duas décadas atrás, eram de boa qualidade. Este investimento foi revestido *a posteriori* através de sua inserção numa Universidade particular no curso de Fisioterapia, resultando na sua profissão como fisioterapeuta, que exerce até hoje no grande hospital em Salvador.

'R' atualmente tem uma renda mensal de mais de dez salários mínimos. Ela mesma ao referir-se à sua trajetória social, autoclasseja-se como uma 'negra de classe média'. Várias vezes em seu relato fez menção da dificuldade que tivera em reconhecer-se como negra devido a alguns valores sociais que cultuava na época quando 'não tinha consciência racial'.

De acordo com o seu depoimento, durante a adolescência não tinha nenhuma percepção sobre os seus valores étnico-raciais, não se via como negra. O seu leque de amizade restringia-se aos amigos não-negros, de clas-

se média. Falando sobre suas experiências sexuais-afetivas, ela me contou que nesse período: “não conseguia enxergar a minha beleza de jeito nenhum, eu nunca consegui me achar bonita, eu via o negro como a minha própria imagem, feia e gaga”.

Perguntei-lhe se namorou garotos brancos na adolescência, ela disse-me que não havia negros na sua classe social (média), havia brancos e uns poucos mestiços, mas mesmo assim, às suas relações amorosas com estes foram rápidas, não eram duradouras.

Em relação aos relacionamentos afetivos com negros, revelou-me que só na fase adulta passou a se interessar por homens negros. Segundo seu relato, esse interesse surgiu após sua descoberta da ‘consciência negra’. Perguntei-lhe quando isso aconteceu? Contou-me que aos 27 anos (ela e seu irmão caçula) passou a ouvir os discursos do movimento negro, a ouvir as pessoas falarem sobre o assunto, a ler sobre a história do negro, tudo sobre o negro era do seu interesse. Isso teria mudado a sua vida, inclusive as suas redes de relações sociais e afetivas. A partir daí começou a valorizar a beleza negra e a ter namorados negros: “só assim percebi que o negro era bonito”.

“R” define sua vida em dois momentos: um ‘antes’ dos 27 anos de idade, quando não gostava de sua auto-imagem e não valorizava a ‘cultura negra’; e um outro ‘depois’, quando construiu sua percepção enquanto negra e passou a valorizar a si própria e aos outros negros: “eu passei a enxergar o cotidiano de outra forma, conhecendo outras pessoas negras e homens negros”.

Acho interessante ressaltar a importância que a estética, traduzida na politização do corpo, emerge como uma categoria importante na significação das trajetórias afetivas. A afetividade é significada através da racialização e da sexualização do corpo nos relatos das informantes. A noção de belo expressa-se o tempo todo como um divisor simbólico “antes não se achava bonita”, “depois’ eu me vi bonita”. Ou então, o corpo é ressignificado por sinais que marcam uma diferenciação racial, o cabelo, a cor: “eu tinha a imagem do branco inserido na questão da beleza”, “eu só vivia no salão, passando (alisando) os meus cabelos para ficar parecida com a branca”.

Fanon (1991, p. 92) em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, refere-se ao corpo negro como um esquema corporal ou um esquema histórico –racial. Esse esquema corporal seria construído em relação a um ‘outro’, não-negro através da linguagem e da própria história. Esta última, ou seja, a historicidade, cederia lugar a um “esquema epidérmico racial” em que o “conhecimento do corpo [negro] é [torna-se] uma atividade unicamente negadora”.

Esta atividade negadora, na qual Fanon se refere, está presente nos discursos da informante em um determinado momento de sua vida. Como foi visto neste relato, a negatividade de sua auto-imagem negra foi reconstruída positivamente no curso de sua trajetória social. O corpo racializado foi re-significado a partir de novas relações, inclusive acerca de suas relações afetivas<sup>13</sup>.

Voltando ao depoimento de ‘R’ com relação à seus relacionamentos afetivos com homens negros, ela relatou-me que aos 34 anos conheceu um homem negro pelo qual se apaixonou. Desta relação, que durou ‘algum tempo’ nasceu um filho. Descreve sua relação com tom de tristeza e decepção, fala em ‘fantasia’, ‘ilusão’, ‘frustração’. Toda a construção positiva acerca do homem ‘negro’ se desconstrói a partir dessa relação amorosa. A sua relação afetiva com um parceiro da mesma ‘raça’ se tensiona a partir de suas expectativa em torno do ‘papel’ que um homem deve exercer.

Isso se evidencia quando a entrevistada fala da paternidade. Para ela, o pai do seu filho não é um pai comprometido, não se envolve, não participa, não está presente, “ele não cumpre os deveres de um bom pai”. Sendo assim, o modelo de paternidade associa-se também ao de masculinidade. É como se os dois modelos tivessem em íntima complementaridade na fala da informante. Ser um bom homem significa ser um bom pai. Mas, esse mode-

---

<sup>13</sup> Fanon assim como Foucault percebe o corpo como algo que é construído e representado através da história. O racismo seria uma dessas formas históricas que se engendraria no corpo através de uma relação com o ‘outro’. No entanto, Em Foucault o poder é múltiplo, este se manifestaria/materializaria no corpo dos indivíduos, fazendo com que “[...] o domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder [...] Mas a partir do momento em que o poder produziu este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder”. (Foucault, 1979, p. 146)

lo de masculinidade/paternidade só pode ser entendido quando se analisa às configurações das relações de gênero nesse contexto social.

Como foi visto, “R” é uma mulher negra que em sua trajetória acumulou capital econômico e social, isso a tornou uma pessoa cujo *status* social é superior à maioria das mulheres negras na Bahia. Esta sua posição social a colocou numa relação de ‘vantagem’ com relação ao seu ex-parceiro, pai de seu filho que é desprovido economicamente. Sem falar, que ‘R’ contraria o modelo hegemônico de família, que toma como referência o homem como chefe provedor. Sua trajetória a orientou para outro tipo arranjo familiar, dotando-lhe de um poder (autoridade) que normativamente se espera de um homem (como o seu pai) e não de uma mulher.

Este poder pode ser lido sobre vários ângulos, um desses aqui registrado seria de como a autoridade de ‘R’ como chefe de família e bem sucedida sócio-economicamente desconstrói com a idéia de uma universalização calcada no pressuposto de uma dominação masculina fixa. Ao contrário, o que gera sua solidão, suponho, é a combinação dessas categorizações marcadas em seu percurso pela inversão do gênero (ela ‘assume’ o ‘papel’ que deveria ser do homem) pela posição social que assume neste contexto, de ascensão social e econômica, e pela situação racial, a racialização, entendida não só como ‘sinais fenotípicos’, porém que subajazem expectativas diferenciadas de comportamento.

Nesse jogo, certas concepções sociais tidas como universais na nossa cultura ocidental (as tais classificações sociais analisadas por Mauss) podem ser recolocadas em contextos muitos específicos (Strathern, 1980). O exemplo disso no contexto que eu estou analisando é bem ilustrativo. Como havia dito, ‘R’, diferentemente de outras mulheres negras acumulou capital financeiro e social, no entanto sua expectativa social em torno das noções de paternidade/masculinidade chocava-se com as reelaborações do gênero (poder feminino) e com outras categorias sociais com as quais se relacionam.

Dito de outro modo é como se interpretássemos os sentidos atribuídos a estas categorias a partir da metáfora ‘da lei da compensação e da troca

‘ganha-se de um lado e perde-se de outro, ou às vezes, ganha-se e perde-se simultaneamente, a depender da posição que cada um assume no jogo. Nesta disputa social, sobretudo aquela marcada por gênero, é difícil, não impossível, acomodar raça, classe e outro marcador social no campo afetivo. No caso de ‘R’ é visível como esta permutação traz desvantagens na relação amorosa. Vejamos.

Segundo ainda o relato de ‘R’ seu ex-companheiro era músico, mas não detinha o capital financeiro, nem social para sustentar seu filho e nem a si próprio, como ela o tinha. (Bourdieu, 1989) Uma das estratégias de sobrevivência do seu ex-companheiro, segundo a entrevistada, era se relacionar afetivamente com mulheres negras com poder aquisitivo e que pudessem suprir suas carências financeiras e realizar seus desejos profissionais<sup>14</sup>. De acordo com o seu depoimento:

“Eu achei que ele era uma coisa e era outra, então eu passei a conhecer mais ele com a convivência e ver que para ele só existe a carreira (artística) dele, comigo e com “E” [amiga negra] foi à mesma coisa, na verdade ele se relaciona com aquela pessoa que é mais conveniente para a carreira dele”.

Daí, depreende-se deste discurso, que várias categorias sociais são acionadas. A rotatividade de parceiras do pai do filho de ‘R’ é lida como uma ‘desvantagem’ social e afetiva, pois esta prática confirma uma regra social ‘hegemônica’, inclusive recorrente nos relatos das informantes sobre as suas trajetórias afetivas: são mais homens que mudam de parceiras do que ao contrário. Por outro lado, estas relações são acionadas por outras categorias (classe) se observarmos que ‘R’ e sua amiga (ver próxima trajetória a seguir) compartilham de um mesmo universo social, disputam no ‘mercado afetivo’

---

<sup>14</sup> A obra de Fernandes (1978) já apontava para este tipo de problemática. Na sua pesquisa realizada na comunidade negra em S. Paulo o autor identificava esse outro lado das relações afetivas entre a ‘gente de cor’, especialmente, no interior da família negra. Fernandes identificou vários arranjos familiares entre os negros, especialmente, o modelo matrifocal que seria de mulheres negras solitárias (ou abandonadas), sem cônjuges /companheiros, que chefiavam seus lares, educavam e sustentavam sua ‘prole’, ou então, quando tinha um companheiro ‘este vivia dos frutos dos seus trabalhos’.

o mesmo parceiro, que é negro e pobre, portanto este se encontra numa posição social inferior a aquelas, o que sugere uma inversão tradicional na relação de poder entre ambos, nesse sentido, 'R' não poderia se utilizar deste mecanismo para burlar sua solidão afetiva?

A literatura antropológica clássica brasileira sobre esse tema afirma que homens negros que ascendem socialmente têm como preferência matrimonial-afetiva mulheres brancas ou não negras cujo *status* social é inferior ao deles. No caso estudado a relação é inversa, mesmo se tratando de relações endogâmicas, são mulheres negras e não homens negros que possuem tal prestígio, no entanto, sugiro que tais relações marcadas por gênero não permitem uma transgressão desta 'lógica' no campo afetivo. Acredito que mesmo observando que homens em alguns *lugares* têm privilégios e em outros não, da mesma forma, pode-se dizer das 'mulheres', aqui os lugares sociais nos quais 'R' e outras entrevistadas percorreram lhes possibilitaram poder (econômico-social) mas este poder não permite tal estabilidade afetiva. É como se houvesse uma choque entre as relações categoriais (gênero-raça-classe) em que a afetividade torna-se um campo cheio de tensões e conflitos impedindo tais relações afetivas entre os gêneros.

A instabilidade afetiva dessas mulheres negras, isto é, sua solidão pode ser percebida como um signo dinâmico destas relações estruturais. Bourdieu (2002, p. 56) em sua análise sobre o celibato na França afirma que "Lê célibat apparaît comme lê signe le plus manifeste de la crise qui affecte l'ordre social", embora o autor estivesse falando de uma comunidade camponesa isso também pode ser relativizado em termos da solidão de um grupo de mulheres negras investigado no contexto baiano. A solidão estaria estritamente ligada à situação dos indivíduos dentro da hierarquia social e tais hierarquias seriam importantes condicionantes das escolhas matrimoniais-afetivas, se pensarmos, que a 'raça' e o 'gênero' são fatores que regulam e organizam indivíduos e grupos na estrutura social.

Isso se confirma em parte pelas novas configurações sociais que tais relações citadas adquirem em contextos históricos específicos. O exemplo

disso é de como 'R' contraria um modelo tradicional dos escritos feministas que analisava a subordinação da 'mulher' no âmbito doméstico, no 'seio' da família como 'mãe', 'dona de casa', 'esposa', sem perceber outros fluxos de relações, como a posição dominante que algumas mulheres exercem como chefes no interior da família.

O percurso social de 'R' (na escola, no trabalho, na adolescência, na resignificação do seu corpo pela percepção política) a orientou para redefinir alguns atributos naturalizados tidos como femininos, já citados. Não é toa que 'R' se auto-define como uma 'mulher moderna' e politizada isso a transformou também numa mãe 'moderna'.

Continuando com a narrativa de R, ela me contou que sustenta financeiramente seu filho sozinho, que educa e que administra sua casa com a ausência do pai do seu filho<sup>15</sup>. Diferentemente dos estudos citados, a informante não é de classe popular, o que contraria a predominância do modelo matricentrado apenas em meios populares. Como eu já havia dito, R se auto-define como de classe média. Durante a entrevista, ela me havia dito que sua renda média individual é de mais de dez salários mínimos. Além disso, exerce uma profissão valorizada socialmente (fisioterapeuta), diferentemente, das ocupações exercidas historicamente pelos negros, sobretudo, exercidas pelas mulheres negras, como o trabalho doméstico, precarizado e informal<sup>16</sup>.

Um outro elemento apreendido da fala da R, refere-se à rotatividade de parceiras sexuais-afetivas do pai de seu filho. Adentra-se nesta discussão, a questão da poligamia masculina. Poucos são os estudos que discutem esta

---

<sup>15</sup> Algumas pesquisas recentes têm confirmando esse modelo matrifocal na família negra baiana. (Além dos estudos clássicos de Frazier (1942), Herskhovits (1943), Landes (1938), ver Woortmann, (1987), Castro, (1989), Agier (1990 a), Santos (1996). Tais estudos, com enfoques diferenciados, apontam para uma predominância de mulheres negras como chefes de família, provedoras, atuantes na organização doméstica e na educação dos filhos. Verificou-se nesses mesmos estudos a ausência da figura paterna/ masculina e a presença marcante da autoridade da mãe nas relações familiares negras de classes populares. (Agier,1996, p. 190)

<sup>16</sup> Ver Bento (1995), Pacheco (1997 e 1998), Santos (1998), sobre mercado informal em Salvador, ver Santos (2000), sobre o trabalho de mulheres negras no século XIX numa perspectiva historiográfica, ver o trabalho de Soares (1994).

problemática no Brasil<sup>17</sup>. Em relação à Bahia, as pesquisas sócio-antropológicas contemporâneas têm focalizado outras temáticas que passam pela questão da poliginia negra, mas não tem nesta o foco de investigação, como as pesquisas sobre matrifocalidade/matrilinidade, miscigenação, conjugalidade, paternidade/patrilinidade e os estudos sobre famílias negras<sup>18</sup> e famílias em meio popular<sup>19</sup>.

Entretanto, é necessário destacar que no depoimento da entrevistada, a problemática da poligamia masculina aparece como uma categoria importante que impede as relações afetivas estáveis entre os negros (as). Na fala da informante esta aparece imbricada com as concepções de paternidade/masculinidade e com a mobilidade social.

Como já foi dito, neste caso estudado, R, diferentemente do pai de seu filho, é detentora de um capital social-econômico. Isto não deveria servir de atrativo para os seus pares afetivos negros-masculinos? Ao invés de afasta-los? Como ela mesma revelou uma das estratégias elaboradas do seu ex-parceiro era se relacionar afetivamente com mulheres negras e não-negras(?) como forma de realizar seus projetos pessoais e profissionais. A ausência de um capital financeiro e social por parte de seu ex-parceiro não poderia facilitar este ajuste afetivo-financeiro entre ambos? No entanto, sugiro que os construtos de gênero aqui elaborados (paternidade/masculinidade) atuaram no sentido de tensionar tais relações.

Isso significa dizer que as escolhas afetivas/conjugais/sexuais movem-se no 'jogo' de interesses sociais em que os indivíduos 'negociam' seus afetos. No caso da narrativa de R, isso fica bem evidente. Ao falar de sua vida amorosa percebi que as suas concepções sobre relacionamentos afetivos não estão em consonância com uma percepção naturalizada da submissão feminina, ao contrário, a sua solidão pode ser resultante de várias ten-

---

<sup>17</sup> Com exceção de Fernandes (1965) e Woortmann (1987).

<sup>18</sup> Sobre esta questão, ver os estudos historiográficos sobre família escrava no Brasil: Slenes (2000), na Bahia, ver Reis (2001).

<sup>19</sup> Ver um balanço desta bibliografia no artigo de Almeida (2002) sobre paternidade/ maternidade em meios populares entre jovens.

sões, inversões, conquistas, investimentos, decepções operados em seu percurso social e afetivo. Segundo o seu depoimento:

“Eu estou me sentindo só porque de uma ano para cá eu terminei uma relação com uma pessoa [...] mas eu não acho que eu perdi tempo, eu estava vivendo uma situação que eu acreditava na mudança, mas hoje eu amadureci muito e hoje eu quero um [novo] relacionamento bem “pé no chão” e que me traga muita felicidade pode ser homem branco, negro, seja ele o que for, eu quero é ser feliz”.

Assim, a afetividade revela-se um campo cheio de tensões sociais, como demonstra Michele Rosaldo (1984) as experiências emocionais/afetivas podem informar formas sociais mais amplas de conduta humana. Esta é uma lente pela qual se pode interpretar uma regra, uma norma social, uma certa cultura, ou uma sociedade. Mas neste jogo de ‘interpretações’, os indivíduos negociam significados (emocionais/sociais) como aqueles que eu observei no relato de R: raça, corpo, sexo, poder, dominação, ambos são vivenciados e intersectados pelo intermédio do gênero.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Retomando algumas questões desse texto, procurei analisar quais são os mecanismos sociais que interferem nas escolhas afetivas e contribuem para o processo de solidão das mulheres negras investigadas? Como se dá a dinâmica das categorias gênero e raça e de outros marcadores sociais nas trajetórias sociais e afetivas dessas mulheres? Como as mulheres negras percebem e lidam com a solidão?

Analisando as trajetórias sociais das três informantes observei que suas escolhas afetivas foram delineadas pelos seguintes fatores: a) São mulheres negras de origem social e familiar calcada na pobreza, expressando-se no tipo de trabalho desenvolvido pelos seus pais, como o trabalho doméstico exercido pelas mulheres negras e o trabalho braçal exercido pelos homens

negros, delineando-se trajetórias familiares marcadas por desigualdades de raça, gênero e classe; b) outro fator recorrente entre as entrevistadas, é que a educação formal foi um dos principais meios de investimento desse grupo, proporcionando-lhe uma mobilidade individual ascendente; gerando tensões nas relações entre as mulheres e seus parceiros afetivos; c) a política foi outro marcador social importante que dinamizou estas categorias, materializando-se na ressignificação das relações raciais e de gênero, expressos na percepção do corpo negro, no delineamento das preferências afetivas e da solidão das mulheres negras investigadas.

Isso se verificou também na noção de corpo. O corpo passou a ser o lugar onde estas práticas sociais foram significadas, experienciadas e incorporadas: pobreza, preconceito, violência simbólica na escola e no bairro, rejeição afetiva, problemas sexuais na adolescência são acionadas pela racialização. O corpo feminino negro através da estética negra é um referente importante de distinção racial: “a neguinha, filha da lavadeira”, “eu tinha a imagem do branco inserido na questão da beleza” “eu me achava feia”. Através dele, as escolhas afetivas podem ser definidas entre um corpo feminino negro (tido como gordo e africano) e um corpo branco ou não-negro feminino, tido como belo. Isso orientaria as escolhas masculinas negras por mulheres brancas para um relacionamento conjugal, enquanto que as mulheres negras seriam escolhidas tanto por homens negros como por homens brancos só para o amor carnal.

Este mesmo corpo que anteriormente foi negado pela violência simbólica e racial (Fanon e Foucault) foi ressignificado através da política, de nova leitura sobre o corpo ‘revoltado’ contra as marcas do poder deixadas nos percursos (trajetórias) das informantes. No entanto, estas ao adentrarem em novos espaços sociais adquiriram *status* social e ou prestígio político gerando conflito nas relações sociais (gênero, raça, classe) desestabilizando as suas relações amorosas e conseqüentemente contribuindo para sua solidão afetiva.

Contudo, observei que, em alguns momentos, as mulheres negras analisadas negociaram os seus afetos, elaboraram estratégias para burlarem a

solidão. Entretanto, mesmo negociando o afeto para não ficarem sozinhas, as tensões entre estas categorizações materializadas em suas trajetórias sociais e afetivas não permitiram uma eficaz realização. Isso se expressou na busca constante dessas mulheres por um parceiro ideal para constituírem uma união afetiva-estável e serem “felizes para sempre”.

**ABSTRACT:** This article approaches the problematic one of affective loneliness of two black women without fixed partners in Bahia. It based on the principle that categories of gender and race are important social markers for sexual-affective preferences of men and women in similar or different “racial” groups. I observe that the affective choices of black and white men for non-black partners are oriented by the following factors: the racialisation function with indicators which show body signs like the color, the esthetics of black and white women; the same way, the gender tensions express in the expectative of masculinity and paternity/polygamy; the empowerment of this black women as head of the family, with social-economic capital and politic prestige prevented the affective stability of those relations. Through the analyses of both trajectories, I had verified that the loneliness of those black women confirmed some of the demographic researches that indicate factors more complexes as social order, cultural and symbolic, responsible for their affective isolation.

**KEYWORDS:** Gender; race; affective; loneliness; choices; racialisation; body.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- AGIER, M. O sexo da pobreza: homens, mulheres e famílias numa avenida em Salvador da Bahia, *Tempo Social* (Universidade de São Paulo) vol. 2, nº 2, 1990.
- \_\_\_\_\_. As mães pretas do Ilê Aiyê: nota sobre o espaço mediano da cultura, *Afro-Ásia*, 18 (1996), p. 189-203.
- ALMEIDA, P. C. Gravidez na adolescência em grupos populares urbanos: concepções de idade e maternidade in: Almeida, Heloisa Buarque de et al. (orgs). *Gênero em Matizes*, São Paulo:EDUSF, p. 177-212, 2002.
- ARDITI, Jorge. Analítica de la Pós – Modernidad (prefácio) in: Haraway, D. *Ciencia, Cyborgs y Mujeres – La reinvenção de la naturaleza-*, Madrid, 1991,
- AZEVEDO, Thales de. *As Elites de Cor numa Cidade Brasileira: um estudo de ascensão social*, 2ª edição. Salvador: EDUFBA, 1996 [1955].

- BAIROS, Luíza. Nossos Feminismos Revisitados, Revista *Estudos Feministas*, V. 3, nº 2, IFCS/UFRJ, R. J, 1995.
- BERQUÓ, E. Nupcialidade da população negra no Brasil. Campinas: NEPO /UNICAMP, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas – sobre a teoria da ação*, Campinas: Papi-rus, 1996.
- \_\_\_\_\_. *O Poder Simbólico*, Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Le bal des célibataires: crise de la société paysanne em Béarn*, Paris: Éditions du Seuil, mars, 2002.
- BUTLER, Judith. *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*, New York, Routledge, 1990.
- CARNEIRO, Suely. Gênero, Raça e Ascensão Social, *Estudos Feministas*, V-3, nº 02, UFCS, UERJ, Rio de Janeiro, 1995.
- CASTRO, E. B V de & ARAÚJO, B de. Romeu e Julieta e a origem do Estado in: Velho, G. (org), *Arte & Sociedade: ensaios de sociologia da arte*, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.
- CASTRO, M. G. *Famyly, gender and work: the case of female heads of household in Brazil* (Sao Paulo and Bahia-1950/1980) Gainesville, Flórida: University of Florida, 1989.
- CAULFIED, S. Raça, sexo e casamento: crimes sexuais no Rio de Janeiro, 1918-1940, *Afro-Ásia*, 18 (1996), p. 125-164.
- COLLINS, Patrícia Hill. The social Construction of Black Feminist Thought, *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, v. 14, nº 04, 1989.
- CORRÊA, Mariza. A natureza imaginária do Gênero na história da antropologia. *Cadernos Pagu*, UNICAMP, nº 5, 1995.
- \_\_\_\_\_. Bourdieu e o sexo da dominação, *Novos Estudos CEBRAP*, n 54, julho de 1999, p. 43-53.
- COSTA, R. Mediando oposições: sobre as críticas aos estudos de masculinidades, in: Almeida, Heloisa Buarque de et al. (orgs). *Gênero em Matizes*, São Paulo: EDUSF, p. 213-241, 2002.
- FANON, Franz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*, tradução de Maria Adriana da Silva Caldas, Ed. Fator, Rio de Janeiro, 1983.

- FERNANDES, Florestan. *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*, volume 2, 3ª edição, editora Ática, S. Paulo, 1978 [1965].
- FOUCAULT, M. *Histoire de la Sexualité I: la volonté de savoir*. Paris: Gallimard, 1976, p.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*, 17ª edição, Roberto Machado (org). Rio de Janeiro:Edições Graal, 1979, p.
- FRAZIER,F. The negro famly in the United States. Chicago: Unkiversety of Chicago Press, 1966 (1939).
- FREYRE, G. *Casa Grande & Senzala*. formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal, 30ª edição, Rio de Janeiro:Record, 1995 [1933].
- FIGUIEREDO, A. . *Novas Elites de Cor*: estudo sobre os profissionais liberais negros de Salvador: UCAM/CEAA/ANNA BLUME, 2002.
- GEERTZ,C. *A Interpretação das Culturas*, Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIDDENS,A. *A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. S. Paulo: editora UNESP, 1993.
- GIACOMINI, Sônia Maria. Ser escrava no Brasil, Revista *Estudos Afro-Asiáticos*, nº 15, Rio de Janeiro, 1998;
- GONZALES, Lélia. O Papel da Mulher Negra na Sociedade Brasileira: uma abordagem político-econômica: Los Angeles: mimeografado, 1979.
- \_\_\_\_\_. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira in: *Movimentos Sociais Urbanos, Minorias Étnicas e Outros Estudos*. Ciências Sociais Hoje, ANPOCS, 1982. [1980]
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio A. Cor, classes e status nos estudos de Pierson, Azevedo e Harris na Bahia, 1940-1960, comunicação ao seminário "Raça, Ciência e Sociedade no Brasil", Rio de Janeiro, maio de 1995.
- \_\_\_\_\_. Raça e os Estudos de Relações Raciais no Brasil, *Novos Estudos* CEBRAP, nº 54, julho de 1999.
- HARAWAY, D. J. a *Ciência, Cyborgs y Mujeres*. La reinención de la naturaleza, Madrid: Cátedra, Universitat de València e Instituto de la Mujer, 1995a.
- \_\_\_\_\_. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial, tradução de Mariza Corrêa, *CADERNOS PAGU*, S. Paulo: UNICAMP, n 5, 1995b.

- HASENBALG, Carlos. *Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- HERSKOVITS, M. The negro family in Bahia: a problem in method, v 7. 8, *American Sociological Review*, 1943.
- HOOKS, b. *Yearning: Race, Gender and Cultural Politics*. London, Turnaround Press, 1991.
- \_\_\_\_\_. Intelectuais Negras. Revista *Estudos Feministas*, V. 3, nº 2, IFCS/UFRJ, R. J, 1995.
- KOFES, Suely. *Categorias Analítica e Empírica: Gênero e Mulher: disjunções, conjunções e mediações*, Cadernos PAGU/UNICAMP, nº 01, 1993.
- LANDES,R. *A Cidade das Mulheres*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967 [1947]
- LIMA, Márcia. Trajetória Educacional e Realização Sócio-Econômica das Mulheres Negras. Revista *Estudos Feministas*, IFCS,UERJ,V. 3/ nº 2, Rio de Janeiro, 1995.
- LUTZ, C & WHITE, G. The Anthropology of emotions, *Annual Reviews Anthropol*, 1986.
- MaCCORMACK, C. P. and STRATHER, M (Ed. ). *Nature, Culture and Gender*, Cambridge, Cambridge University Press, 1987.
- MAUSS, M. L'expression obligatoire des sentiments. *Essais de Sociologie*, Éditions de Minuit, 1968, 1969, Paris.
- MONTEIRO, M. Sujeito, gênero e masculinidade in: Almeida, Heloisa Buarque de et al. (orgs). *Gênero em Matizes*, São Paulo:EDUSF, p. 243-262, 2002.
- MOORE, Henrietta. . Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência, Campinas: *Cadernos PAGU* (edição especial: corporificando gênero), 2000 (14).
- MOREIRA,D & SOBRINHO, A. O homem negro e a rejeição da mulher negra in: Costa et al. (orgs.) *Alternativas Escassas: saúde, sexualidade e reprodução na América Latina*: S. Paulo: Editora 34, FCC, p. 81-107, 1994.
- PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *Trabalho das Mulheres: o 'jogo' das diferenças – um estudo de caso sobre o trabalho feminino no Pólo Industrial Baia-*

no. Salvador, 1998. Dissertação (Mestrado em Sociologia)- Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 1998.

\_\_\_\_\_. Uma caracterização do trabalho feminino no Pólo Industrial de Camaçari, na Bahia in: *Ritos, Mitos e Fatos, Mulher, Gênero, na Bahia*, Costa e Alves, (orgs) Coleção Bahianas, nº 01, NEIM, UFBA, Salvador, 1997.

\_\_\_\_\_. Raça, gênero e política na trajetória de uma mulher negra chamada Zeferina. In: Almeida et al. (orgs). *Gênero em Matizes*, São Paulo: EDUSF, p. 263-84, 2002.

PIERSON, D. *Branços e Pretos na Bahia* – estudo de contato racial. São Paulo: Ed. Nacional, 1971 [1940].

RAMIREZ, M. C. Do centro à periferia: os diversos lugares da reprodução nas teorias de gênero in: Almeida, Heloisa Buarque de et al. (orgs). *Gênero em Matizes*, São Paulo: EDUSF, p. 115-152, 2002.

REIS, I. C. F dos. *Histórias de Vida Familiar e Afetiva de Escravos na Bahia do Século XX*, Salvador: Centro de Estudos Baianos, UFBA, 2001.

RODRIGUES, Nina. *Os Africanos no Brasil*, Companhia de Letras, S. Paulo, 1935.

ROSALDO, M. Toward an Anthropology of self and feeling in Shweder, R. A and Levine, R. A. (eds.) *Culture Theory- Essays on Mind, Self, and Emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

SANTOS, Luiz Chateaubriand C. dos. Espaço negro e espaço branco na estrutura das ocupações in: Castro & Barreto (orgs.). *Trabalho e Desigualdades Raciais*, Editoras Anna Blume, A Cor da Bahia: S. Paulo, 1998.

SANTOS, M. R dos. *Arranjos familiares e desigualdades raciais entre trabalhadores em Salvador e Região Metropolitana (1987-1989)*. Salvador, 1996. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia.

SANTOS, N. R dos. *Mercado Informal e Etnia*. Salvador: CRAES, 2000.

SCALON, M. C. R da C. Cor e seletividade conjugal no Brasil, *Estudos Afro-Asiáticos*, (23)17-36, dezembro de 1992.

SCHWARCZ, Lilia M. *O Espetáculo das Raças*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, 16 (2): 5-22, jul/dez, 1990.
- SHILLING, C. Emotions, embodiment and the sensation of society, *Sociological Review*, 1997.
- SILVA, N. do V. Distância social e casamento inter-racial no Brasil, *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, n 14, p. 54-83, 1987.
- SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Iyámi, Iyá, Agbás: dinâmica da espiritualidade feminina em templos afro-baianos, Revista *Estudos Feministas*, IFCS, UERJ, V. 3/ n° 2, Rio de Janeiro, 1995.
- SLENES, Robert. W. *Na Senzala uma Flor*: as esperanças e recordações na formação da família escrava. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.
- SOARES, C. *Mulher Negra na Bahia no Século XIX*. Salvador, (1994). Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia em Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia.
- STOLCKE, V. Sexo está para gênero assim como raça está para etnicidade? *Estudos Afro-Asiáticos* n° 20, p. 101-119, 1991.
- \_\_\_\_\_. O negócio das diferenças (posfácio) in: Almeida, Heloisa Buarque de et al. (orgs). *Gênero em Matizes*, São Paulo: EDUSF, p. 399-407, 2002.
- STRATHERN, Marilyn. *The Gender of the Gift*: problems with women and problems with society in Mélanesia, Berkely: University of California Press, 1988.
- VIANNA, Oliveira. *Raça e Assimilação*. São Paulo: Companhia e Editora Nacional, 1932.
- WOORTMANN, Klaas. *A Família das Mulheres*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1987.